

# POEMAS DE JORGE CASTAÑEDA

Juan Manuel Terenzi

V

OTRA VEZ EL DESIERTO

Se ahoga naturalmente

Y los muertos abultados

Señalando los ladridos de la piedra,

Con la cabeza ruidosa

Desaparecen en el habla de los encapuchados.

V

OUTRA VEZ O DESERTO

Afoga-se de forma natural

E os mortos intumescidos

Indicando os latidos da pedra,

Com a cabeça ruidosa

Desaparecem na fala dos encapuzados.

VI

LA MÉDULA DEL RIO

Sabe repetir la profundidad de los astros,  
Donde se muerden los higos  
Se muerden resonancias sin levadura,  
Bendice su mirada infinita  
Bendice al hombre que flota en la médula del río,  
Lejos  
Hacia una lejanía de muerte pasajera  
A un paso de distancia  
De la red con espuma salvavidas,  
Respiremos bajo la sombra del cetáceo

Respira con la agonía de la sombra,  
La medula del río  
Habla en la cima del cosmos injertado,  
En la inmemorial humedad del caos  
(no se ven los labios hinchados de la madre),  
bendice su orgasmo agrietado  
bendice esta boca lamiendo su alma,  
lejos  
los muertos a media asta  
flamean  
hacia una lejanía de incendios  
hacia un brillo arrastrado  
a la melancolía del río.

VI

A MEDULA DO RIO

Sabe repetir a profundidade dos astros  
Onde se mordem os figos  
São mordidas ressonâncias sem levedura,  
Abençoa seu olhar infinito  
Abençoa o homem que flutua na medula do rio  
Longe  
Rumo a uma distância de morte passageira  
A um passo de distância  
Da rede com o colete salva-vidas,  
Respiremos debaixo da sombra do cetáceo  
Respire com a agonia da sombra,  
A medula do rio  
Fala no cume do cosmo enxertado,  
Na imemorial umidade do caos  
(não se veem os lábios inchados da mãe),  
  
abençoa seu orgasmo fendido,  
abençoa esta boca lambendo sua alma,  
longe  
os mortos a meia-haste  
flamejam  
rumo a uma distância de incêndios  
rumo a um brilho arrastado  
para a melancolia do rio.

VII

SE FUE LA SANGRE

A derramarse continua

Por dentro,

Se apagó el esparcimiento

Por miedo a seguir procreando

Y no reconocer

La cicatriz del barco que peina las sombras:

El vestigio de la antorcha

Socorre la labor del sueño.

VII

SAIU O SANGUE

Derramado continuamente

Por dentro,

Apagou-se a disseminação

Por medo de seguir procriando

E não reconhecer

A cicatriz do barco que penteia as sombras:

O vestígio da tocha

Socorre o trabalho do sonho.

## VIII

### LA VIEJA TRADICIÓN DEL RITO

Anuncio la pena por el lenguaje  
Sopesándolo con las luminarias de la madre,  
Madre haz que el deseo hable  
Y encontremos el río perdido de la sangre,  
¿bebieron tu melena blanca?

## VIII

### A VELHA TRADIÇÃO DO RITUAL

Anuncio a pena pela linguagem  
Perscrutando-o com as luminárias da mãe,  
Mãe, faça que o desejo fale  
E encontremos o rio perdido do sangue,  
beberam tua cabeleira branca?

JORGE CASTAÑEDA (1962), poeta, vive atualmente na cidade Buenos Aires. Formado em filosofia pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Morou em Nova Iorque de 1997 até 2000, onde escreveu a novela *El cansancio del mundo*, ainda inédita. Publicou em 2014, pela editora Alción, o livro *La medula del río*.

JUAN MANUEL TERENCEZI (1982) é escritor, tradutor e pesquisador. Formado em engenharia química, letras-espanhol e filosofia. Finaliza a graduação em letras-italiano. Doutor em Literatura (UFSC) com a tese “Linguagem, voz e identidade: Beckett em diálogo”. Pesquisou nos arquivos de Samuel Beckett durante seu doutorado sânduíche na University of Reading (Inglaterra). Seus poemas, contos, traduções e autotraduções foram publicados em diversas revistas nacionais e internacionais. Autor de *Fis(s)uras* (Micronotas, 2022). Traduziu *Bernat Metge*, de Lucas Margarit, (Micronotas, 2022), com apoio do Programa Sur (Argentina).